

NUNES, Aline Nunes de Oliveira. **Cassandra vai à rua: programa performativo, encontros, espaço público e o insuportável corpo feminino**. Porto Seguro: Universidade Federal do Sul da Bahia. Professora. Campinas: Unicamp. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena; orientação Grácia Maria Navarro – IA – UNICAMP.

RESUMO

Aqui apresentaremos um recorte de uma investigação de caráter radicalmente qualitativo, que compreende a criação nas artes do corpo, da presença, do encontro, como fruto de um exercício constante de atenção do sujeito sobre si, como cuidado de si. Olharemos para o programa performativo “Mulher de vestido vermelho raspa a cabeça em praça pública” para refletirmos acerca de alguns dos efeitos decorrentes de sua execução. Refletiremos acerca de como ele respondeu ao contexto histórico contemporâneo, como afetou a trajetória da artista e as razões para levar o mito da mulher política interdita, Cassandra, para as ruas hoje. Trataremos de como se deu este exercício de subjetivação capaz de trânsitos radicais que tiveram como resultado a criação da obra e da artista. Trânsitos capazes de colocar a pesquisadora em um estado de atravessamento que é decorrente de uma atenção radical a si mesma, capaz de gerar uma constante problematização com entonações feministas, sem que uma palavra fosse pronunciada.

Palavras-chave: Cuidado de Si. Programa Performativo. Feminismos. Cassandra.

ABSTRACT

We herein present an excerpt from a radically qualitative research process, which understands creation in arts of the body, of the presence, of the encounter, as a result of a constant exercise of attention to oneself, as care of the self. We shall look at the performative program ‘Woman in red dress shaves her head in public space’ in order to reflect upon a few of the effects caused by its execution. We shall consider the ways in which it responds to contemporary historical context, how it affected the artist’s path so far, and the reasons for taking the myth of Cassandra, the interdicted political woman, to the streets of today. We shall reflect on the unfolding of this subjectification exercise, capable of radical shifts, and its ensuing creation of the work and the artist. Shifts that are constantly traversing the researcher as a result of a radical attention to oneself, capable of generating constant problematizations with feminine intonations, without saying a word.

Keywords: Care of the Self. Performative Program. Feminisms. Cassandra.

Este artigo pretende desenvolver alguns aspectos nevrálgicos de minha pesquisa de doutorado em Artes da Cena a ser defendida no primeiro semestre de 2019. Minha investigação é um grande Programa Performativo que tem como enunciado guardar atenção a mim mesma ao longo dos quatro anos em que a investigação se desenvolveu. Contudo, trata-se uma qualidade específica da atenção, uma atenção feminista sobre meus pensamentos, relações e atos. A esta qualidade da atenção a filosofia antiga chamou de cuidado (FOUCAULT. 2014). Cuidado que tem a mesma raiz etimológica da palavra conhecimento: *cogito*, como bem coloca o

Professor Renato Ferracini na abertura deste VIII Simpósio Internacional Reflexões Cênicas Contemporâneas, cujos anais este artigo compõe. Ferracini brinca com a ambiguidade de cogito, e eleva a máxima cartesiana traduzindo-a como “cuido, logo existo.” A ideia central desta metodologia do cuidado de si pode ser resumida como: criar em artes da cena a partir de uma qualidade feminista da minha atenção sobre mim e minha subjetividade. Afinal, nos lembra Marília Velardi, “é preciso nos darmos conta de que método é, antes de tudo, forma de pensamento” (Velardi, 2018, p.48) Deveria desenvolver esta qualidade da minha atenção e criar a partir da resultante disto.

Tem sido comum, diante da angústia social que media nossas relações na contemporaneidade, tanto no Brasil, quanto no mundo, diante do comportamento geral das pessoas que não têm se sentido capazes de cogitar pelo imaginário saídas plausíveis para seus labirintos. Ocorre que, alguns de nós desejam, buscam, quase imploram, intervenção externa. Deste modo, de maneira geral, queremos alguém, ou alguma substância, que nos dê o que nos falta e nos tire rapidamente do desconforto da angústia. Queremos, pois, atenção, demandamos dos outros cuidado, sonhamos com alguém que nos diga o que fazer para sairmos de um imbróglio crítico qualquer da existência.

O que é curioso notar é que, normalmente, esta figura externa não é amiga, não está no mesmo plano hierárquico que o sujeito. Ao contrário, esta figura, capaz de *ditar* a resposta correta, resposta que o sujeito acredita ser incapaz de imaginar, por sentir-se incapaz de qualquer devir criativo, este sujeito, incapaz de viver a angústia de não saber, se entrega a primeira resposta. Este sujeito ordinário contemporâneo, homem ou mulher, em geral odeia o que é realmente novo e se encanta com os dogmas da cultura machista. Afinal, tais dogmas mantêm o universo familiar deste sujeito, que permanece sem capacidade ou ânimo para sentir-se criativo. Há um ditado inglês que diz: *melhor o diabo que eu conheço...* Uma das dramaturgias mais significativas do sujeito-homem-ocidental, o solilóquio de Hamlet¹,

¹ Ser ou não ser, eis a questão. Será mais nobre sofrer na alma Pedradas e flechadas do destino feroz Ou pegar em armas contra o mar de angústias E, combatendo-o, dar-lhe fim? Morrer; dormir; Só isso. E com o sono, dizem, extinguir Dores do coração e as mil mazelas naturais A que a carne é sujeita; eis uma consumação Ardentemente desejável. Morrer, dormir Dormir! Talvez sonhar. Aí está o obstáculo! Os sonhos que hão de vir no sono da morte Quando tivermos escapado ao tumulto vital Nos obrigam a hesitar: e é essa reflexão Que dá à desventura uma vida tão longa. Pois quem suportaria o açoite e os insultos do mundo, A afronta do opressor, o desdém do orgulhoso, As pontadas do amor humilhado, as delongas da lei, A prepotência do mando, e o achincalhe Que o mérito paciente recebe dos inúteis, Podendo, ele próprio, encontrar seu repouso Com um simples punhal? Quem agüentaria fardos, Gemendo e suando numa vida servil, Senão porque o terror de alguma coisa após a morte O país não descoberto, de cujos confins Jamais voltou nenhum viajante. Nos confunde a vontade, Nos faz

é também um emblema da covardia criativa deste homem, que nem consegue se matar de tanto medo que tem de entregar-se a qualquer impulso que o leve a universos desconhecidos. “Para que alguma coisa surja é preciso que alguma coisa desapareça. A configuração da esperança é o medo. A primeira manifestação do novo é o horror.”, conforme já observara Heiner Muller. Ao meu ver, assim incubamos o esporo da massa fascista que deflagrou um estado de coisas determinantes para os rumos e os resultados desta jornada recente da história do mundo e do Brasil. Contudo, esta mesma trilha iniciada pelo desamparo coletivo contemporâneo, causado por esta falta ontológica de criatividade para descobrirmos as saídas possíveis, foi capaz, ao contrário, no meu caso, de romper com a repetição monocórdia do dueto da expectativa - formado pela esperança e o medo - (SAFATLE. 2015) abrindo em minha ação de pesquisa o espaço do risco.

Risco que pode se concretizar em um ato simples como decidir ter atenção comigo mesma em um mundo de desatenção e desordem generalizadas, foi capaz de gerar os espaços necessários às rupturas com alguns de meus arco-reflexos sócio-culturais, e propiciar o desenvolvimento de outros modos de existência para a minha trajetória de vida-pesquisa nos últimos 4 anos. Trata-se de desenvolver uma capacidade de atenção diferente da atenção ordinária de nosso tempo. Conforme observa Byung-Chul Han, em seu “Sociedade do cansaço”, vivemos em um nível tão grande de estresse mental, provocado pelo que teoriza como “sociedade do desempenho”, tão bombardeados com as múltiplas e simultâneas tarefas, que acabamos por processar os dados vindos da vida como os bichos selvagens, ou seja, sem mergulhar contemplativamente no que temos diante de nós. Han dirá:

Na vida selvagem o animal está obrigado a dividir sua atenção em diversas atividades. Por isso, não é capaz de aprofundamento contemplativo - nem no comer nem no copular. O animal não pode mergulhar contemplativamente no que tem diante de si, pois tem de elaborar ao mesmo tempo o que tem atrás de si. Não apenas a multitarefa mas também atividades como jogos de computador geram uma atenção ampla, mas rasa, que se assemelha a atenção de um animal selvagem. (HAN. 2018:32)

Ainda que minha resposta inovadora não seja marcar a pele em público²,

preferir e suportar os males que já temos, A fugirmos pra outros que desconhecemos? E assim a reflexão faz todos nós covardes. E assim o matiz natural da decisão se transforma no doentio pálido do pensamento. E empreitadas de vigor e coragem, Refletidas demais, saem de seu caminho, Perdem o nome de ação. (Tradução: Millôr Fernandes)

²

Processo de Criação: Sara Panamby e Filipe Espindola (suspensão e body art)

<https://www.youtube.com/watch?v=HcPYkzX9NDo&index=4&list=PLkU1JoV0M3XIFpMiAbkB8i7p2ljoYYVhN>

defecar em via pública sobre a imagem de políticos corruptos³ ou deixar que estranhos toquem meu ponto G⁴, eu ainda me arrisco. Ninguém, além de mim, poderia julgar o que me espanta no meu encontro comigo. Encontrar-se consigo e guardar atenção a si, pode estar manifesto também nos atos simples, como caminhar sozinha a noite sem rumo pelas ruas de uma cidade. Parece pouco, mas só as mulheres sabem o que ocorre ao pensamento quando se vai sozinha a noite do ponto de ônibus até em casa.

Segundo muitas correntes do pensamento Feminista e conforme algumas práticas contemporâneas feministas, me olho, tenho atenção comigo, para me reinventar, para superar em mim a cultura que me impregna os músculos, os ossos e que por nós é assimilada “junto com o leite de nossas mães” (LORDE. 2000). A cultura é vista como uma espécie de anticorpo, vírus congênito, síndrome. Desde a mais tenra infância, capaz de nos oferecer a explicação que se espera, a partir de seus próprios critérios e favorecendo determinados modos de vida e detrimento de outros, marcando, deste modo, a mensagem subliminar de que toda a experiência imanente da cultura é parte da natureza humana e, por isto, é imutável. É desta maneira que se naturaliza o medo que muitas mulheres sentem de sua pura existência.

Parte importante de minha metodologia de pesquisa consiste em informar-me, como sujeito-mulher, que as injustiças em relação às questões de gênero são apenas invenção humana. Não se trata de essência, ou de uma questão de natureza. Não tem um caráter monolítico, um caráter permanente, conforme aprendemos. Todo este movimento, fundamenta-se sobre a capacidade que cada uma e cada um de nós viventes temos de inventar novas formas de nos relacionarmos conosco e com toda a sorte de outros. A cultura, apesar de imanente, pode adquirir um caráter mais flexível, inclusivo e capaz de reinventar-se, para nos reinventarmos a nós mesmas, a partir das novas necessidades que cada tempo apresenta.

Seguindo por esta trilha de que há um trabalho a ser feito sobre a atenção para se alcançar esta qualidade de corpo em experiência, nos deparamos com as práticas que nos permitem experimentar esta qualidade da atenção. Experimentei, durante este

³ Sobre a performance “Máfia – Exposição Interativa”... - Veja mais em <https://www.bol.uol.com.br/noticias/2016/04/29/grupo-que-cuspiu-vomitou-e-defecou-em-fotos-de-politicos-recebe-ameacas-de-morte.htm?cmpid=copiaecola>

⁴ Sobre Sue Nhamendu: <https://www.cinicas.com.br/sue-nhamendu/>

período, o que Eleonora Fabião chamou de “Programa Performativo.” O programa performativo é visto aqui como cuidado de si, como prática de cuidado e atenção. Uma das mais relevantes nesta investigação. Experiência capaz de redimensionar bruscamente minha relação comigo mesma. Fabião define Programa Performativo da seguinte maneira:

Muito objetivamente, o programa é o enunciado da performance: um conjunto de ações previamente estipuladas, claramente articuladas e conceitualmente polidas a ser realizado pelo artista, pelo público ou por ambos sem ensaio prévio. Ou seja, a temporalidade do programa é muito diferente daquela do espetáculo, do ensaio, da improvisação, da coreografia. “Vou sentar numa poltrona por 3 dias e tentar fazer levitar um frasco de leite de magnésia. No sábado às 17:30 me levantarei”. É este programa/enunciado que possibilita, norteia e move a experimentação. Proponho que quanto mais claro e conciso for o enunciado — sem adjetivos e com verbos no infinitivo — mais fluida será a experimentação. Enunciados rocambolescos turvam e restringem, enquanto enunciados claros e sucintos garantem precisão e flexibilidade. (FABIÃO. 2013:4)

Aqui, como em toda a minha tese, procurei demarcar a estreita relação de interdependência entre vida cotidiana e criação artística, tão caros na missão de me manter cuidando de mim mesma, quanto são presentes em minhas ações estéticas deste período. Durante estes duros anos da história contemporânea - tanto no cenário mundial quanto no contexto brasileiro - produzi 5 das mais significativas obras de minha carreira até aqui: criei e executei a Série de 3 Programas Performativos chamados de “Performações Cassândricas” -- Com os programas performativos: “Mulher de vestido vermelho raspa a cabeça em praça pública”; “Converso sobre assuntos de mulher”; “Cassandra anda... Cassandra escuta... Cassandra canta...” - - ; compus, em parceria equipolente com o improvisador musical Pedro Sollero, a obra híbrida, de caráter instalativo, com espaços dilatados de inacabamento e aberturas à participação do público, intitulada “A Cabeça da Cassandra”; além da tese de doutorado que foi composta com esta mesma qualidade da atenção e, para mim, a tese é uma obra não um documento. Espero este mesmo caráter de cada um dos artigos que emergirem desta obra. Este artigo é uma cena, um aspecto desta pesquisa-obra. Uma cena organizada para ser independente e falar por si falando dialogicamente com o todo. Aqui trataremos de “Mulher de vestido vermelho raspa a cabeça em praça pública”.

Em 25 de julho de 2018, às 20 horas na Passarela do Descobrimento, mais conhecida como Passarela do Álcool, em Porto Seguro - BA, região de intensa circulação de pessoas, na temporada de julho, executei a minha primeira ação. O

primeiro programa performativo da série Performações Cassândricas a encontrar as ruas foi “Mulher de vestido vermelho, raspa a cabeça em praça pública”. Entre os materiais estavam: uma mulher usando vestido vermelho, um espelho, uma máquina de cortar cabelo sem fio, sabonete líquido, aparelho de barbear, uma tigela pequena com água, uma toalha, água de lavanda para perfumar a cabeça pelada, um tecido vermelho de seda limpo, para ser usado como aparador para os objetos no chão.

Quanto a sua duração, teria o tempo necessário para expor os instrumentos, executar a ação de “barbear” a cabeça em ritmo cotidiano, guardar tudo, deixar tudo limpo, sem rastros da minha passagem ali, depois ir embora. Era também constituinte do enunciado do programa não falar ou explicar nada, a não ser que alguém me interpelasse. O que atravessou meu corpo naquela noite foi um turbilhão. Muitas sensações. Desde as mais físicas, nunca havia sentido daquele modo a pele da minha cabeça; nunca havia realizado uma ação performativa sozinha, muito menos que me expusesse tanto. Enquanto realizava a estranha tosquia em meio a multidão, eu ouvia as inquisições: “O que é isso?”; “Para quê?”; “O que ela quer dizer?”; “Que mulher louca!”; “Ela tem câncer?”; “É uma promessa?”; “Tinha que ser brasileira”; “É o Iraque?”; “Ela vai passar um produto no final que vai fazer o cabelo crescer todinho na nossa frente”; “A gente só vai saber o que é quando ela passar o chapéu (quando ela pedir o dinheiro pelo show)”; “Vai passear povo! coisa mais besta ver a mulher raspar a cabeça! Vai passear, credo!”; “Tinha que ter alguém explicando tudo”; “Tira uma foto com meu filho?” ; “ Até que ela tem a cabeça lisinha, se fosse a minha mulher, estaria cheia de cicatriz de pedrada.”

Ficava claro que a obra se constituía mais na reação do povo do que na ação da performadora. O resto todo, também ficava a cargo da cultura imanente do machismo, que se revelava na reação das pessoas que participavam daquele estranho rito. Para mim, foi um marco, uma prova. Saí marcada. Em “Mulher de vestido vermelho raspa a cabeça em praça pública”, eu, sem pensar e pensando o tempo todo, me inscrevia e recebia as marcas da experiência do entrelaçamento de uma multidão subjetividades. Para tanto, não disse uma palavra. Apenas respondi o que me foi questionado. Assim, fui conduzindo minha atenção ao “presente do presente”, de que fala a Professora Fabião. A cabeça raspada tinha muitos significados para mim. Não costumava compartilhá-los com as pessoas que participavam ativamente da ação, inquirindo os motivos pelos quais a realizei.

Costumava devolver as perguntas que me faziam. Quando as pessoas respondiam, ou seja, diziam que motivos acreditavam ter me levado àquele ato extremo, em geral eu concordava. Digo “em geral” porque, muita gente, pergunta se a motivação foi promessa o câncer. Nesses casos, eu respondia sempre que não. Muitas moças ficavam felizes por terem “acertado” os “reais motivos” que me levaram ao tal “ato extremo”.

A expressão “ato extremo”, deve-se ao fato de que meu ato era visto assim por muitos e muitas com quem a minha figura careca cruzou neste curso de vida-pesquisa. Tudo, depois da ação, estava mediado pela minha cabeça pelada. Ela brilhava, embora por poucos dias devido ao retumbante crescimento capilar. Logo após a tosquia, sentia que os olhos pesavam sobre mim de modo diferente. Com a cabeça pelada eu nunca fui assediada, por exemplo. Contudo, não ser assediada também indicava um outro dado vindo do mundo: com a cabeça pelada, minha sensualidade e beleza eram ressignificadas. Era como se com cabelo eu fosse capaz de ser bonita e, sem cabelos, só fosse possível ser feia. Claro que não era assim em todos os espaços de convívio, mas de modo geral, no dia-a-dia das ruas, era como se eu fosse menos mulher.

Há um peso ancestral do cabelo como status de feminilidade, portanto, sua ausência é considerada um desvio que, em princípio, nunca era compreendido como escolha. Se eu estava careca não haveria de ser uma opção. Talvez câncer, ou algum motivo religioso, ou ainda, alguma coisa pode ter dado errado em algum procedimento de beleza. Recebi receitas caseiras para matar piolhos de pessoas na rua. O fato é que a primeira opção parecia poder ser qualquer uma, menos uma escolha da mulher. Como as pessoas não sabiam se era doente, religiosa, azarada ou só uma mulher em crise que resolveu “radicalizar”, elas me deixavam em paz por um tempo.

Contudo, no imaginário popular, na cultura, mora subliminarmente a informação, que parece ancestral, de que os cabelos impõem-se como um traço de gênero. Michelle Perrot (PERROT. 2007), destaca o papel dos cabelos na constituição da subjetividade feminina ocidental. Aponta que quem “decidiu” e iniciou a campanha de perpetuação desta “nova verdade inventada”, de que mulheres têm cabelos compridos e homens cabelos curtos, foi o apóstolo Paulo. Campanha bíblica, segundo a historiadora, providencial para a constituição dos modelos de feminilidade

burguesa vitorianas, responsáveis por converter a mulher, de corpo à imagem. A mulher, branca ocidental é bela, comportada, com cabelos muito bem alinhados e, o mais importante, é calada. Figuras não falam. Não têm palavra pública. Assim, o machismo, cria esta nova e providencial “verdade” acerca do feminino e da feminilidade usando como argumento os nossos cabelos. Portanto, marcar as desviantes, também já foi um dos propósitos da tosquia feminina. Muito bem justificada pelo discurso médico acerca da higiene, assim também marcaram com a tosquia dos cabelos, as mulheres de manicômios.

Saí às ruas para realizar este programa mais duas vezes em 2018: raspei a cabeça ao lado do Colégio São Bento, no centro de São Paulo e na Vila Valdete, periferia de Porto Seguro. É muito importante que eu conte que na cidade de São Paulo o programa foi redimensionado em relação às outras execuções. Em São Paulo, descobri com o corpo em experiência, que a performance não tinha, absolutamente, relação com a formação de uma plateia. Não é para ser assistida que eu raspo a cabeça em público, é para experienciar o que quer que venha deste ato. Portanto, não constitui um fracasso da ação, se ninguém, ou quase ninguém, parar para olhar o que estou fazendo. Ao contrário, quando ninguém estabelece relação de “público” com a ação, a performance se redimensiona na paisagem da cidade, eu me redimensiono em relação a minha atenção, sobre mim e toda sorte de outros. Quantas coisas São Paulo me contou dela mesma, quando não parou para me ver raspar a cabeça. Nem a polícia paulistana me percebeu. Em meio à selva da região da ladeira Porto Geral, do Viaduto Santa Ifigênia, da Rua 25 de Março, ninguém é notado. Mesmo sendo um dado rubro no cinza do passeio público.

Na Vila Valdete, periferia de Porto Seguro, a performance foi atípica. “Mulher de vestido vermelho raspa a cabeça em praça pública” é convidado a participar do “Ato Mulheres Contra o Racismo e pela Democracia”. Minha intenção não era, como antes, fazer daquele ato uma cena. Portanto, não convidei ninguém a assistir. Sem anúncio prévio no sistema de som do evento, sentei-me no chão e comecei a raspar a cabeça enquanto as militâncias discursavam, suas vozes eram a face sonora daquela obra.

Um menino pequeno da comunidade, devia ter lá seus 6 anos, enquanto começava a ação, dispendo os instrumentos da tosquia, se aproxima para perguntar

o que eu iria fazer. Respondi a ele, baixinho como o tom que ele usou comigo, que eu iria raspar o cabelo. Ao que ele perguntou: “Mas por quê?”. E eu respondi: “Porque eu sou adulta. Porque o cabelo é meu. Porque eu quero.” E ele estranhando pergunta ainda: “Mas pode?”. Eu respondi que sim e ele, satisfeito, tomou distância e voltou a jogar futebol. Eis a alteração: naquele dia eu iria dizer meus motivos caso fosse perguntada. Escreveria em um papel grande e mostraria. Depois rasgaria o papel e jogaria fora. Contudo, só faria isto se fosse indagada acerca de meus motivos. Eu fui. O menino me indagou.

Mas por que o artigo se chama Cassandra vai para a rua? Até aqui falamos um pouco sobre este corpo de mulher corajoso, que subverte a ordem e torna-se insuportável à lógica misógina do espaço público. Como pelar a cabeça é criar curtos circuitos; é problematizar as “coisas de mulher”. Mas quem é Cassandra? Acredito que contando o mito ficará claro porque ela está aqui. Para tanto, contarei a minha atualização do mito, o Cordel de Cassandra. Compus este cordel em fevereiro de 2017, ele faz parte da “dramaturgia” da Instalação Sonoro-Performativa intitulada “A Cabeça da Cassandra”, uma das 5 obras decorrentes de minha pesquisa de doutorado.

Cordel de Cassandra

Boa noite minha gente
Peço que preste atenção
A história que lhes conto
Requer o seu coração

Guardar no peito é saber
Saber aqui é poder
Mudar a situação

Aqui falo de Cassandra
Mas também não falo não
Falo de toda mulher
Potência e revolução

Pra calar moças assim
Tem se cortado um dobrado
Batem nelas, falam mal
Até a morte condenam
Como coisa bem banal

Mas seguimos a toada

Das mulheres mal faladas
Que não toleram cabresto
Pulam, giram, cospem fogo
Mas a cacunda bonita
Ninguém há de sentá bunda
Não aceitamos patrão

Com Cassandra foi assim
Nem Apolo se aguentou
Fez proposta indecente
Propôs a dominação
A moça não lhe quis não
Se sentindo preterido
Tirou-lhe a persuasão

Apólo muito sentido
De cotovelo doído por não ter o que queria
Condena a pobre guria
A falar como uma louca

E tudo o que a moça dizia
Virava chacota fútil
Pra toda a população
Sentiram a situação?

Não é só Cassandra não
A mulher que abre a boca
Se nega a fornicção
Diz a verdade inteirinha
Tateia cega a justiça
A custa da própria vida

Diz o que deve dizer
Abusada e atrevida
É chamada de bandida
De louca, besta e perdida
Não consegue convencer

Cassandra que era linda
Além de muito sabida
Desde criança ouvia
Todo o som que existia neste mundo barulhento
Os passarinhos, o vento,
a voz dos homens e dos deuses

Traduzia, pras pessoas mocas por dentro
O som lindo... O lamento...
Que natureza dizia
Por obra de uma serpente
Que lambera a criança

Cassandra ouve à distância
Tudo o que a cerca é latente

O wi-fi de Cassandra ia longe
Com conexão privilegiada
Baixava todo o tipo informação
De casamento a “bafão”
Cassandra era weekliks de tempos muito remotos

Causava medo e estranheza
Um tempo que com certeza
Parece muito com os nossos

Contou, aqui trago exemplo
Que a tal guerra viria em breve
Guerra sangrenta, um tormento
Se o menino Páris, por ventura,
Chegasse a Grécia sedento
De luxúria embriagado
Não segurasse o danado
Guiado por Afrodite

Se o tal Páris chegasse
A buceta mais porreta que esse mundo já viu
Helena, outro tipo de capeta
Que os homens querem perto
Mas não aguentam o rojão

Páris traria pra Tróia
Junto com Helena, a jóia
Uma corja de cornudos
Sedentos por sangue inocente

Como se isso pudesse
Diminuir a vergonha
De perder a linda Helena
Para um mocinho gostoso
Moço bonito e vistoso
Compassivo e carinhoso
E com um pau que Menelau...

Menelau tinha lá seu valor
Mas a fila de Helena andou
Já não tinha mais “amô”
Mas o ciúme bandido
A posse e o orgulho ferido
O machismo assassino
Toda a Tróia “*exterminô*”

Era de Cassandra irmão

O menino com tesão, Páris.
E foram 10 anos de guerra
Por que o cornudo ancestral, Menelau
Não aguentou a traição.

“Nenhum macho troiano sobreviverá!”
Tocou Cassandra a falar
Ninguém ouviu ela não.
E por fim, na conclusão,
Morreram todos os homens
Nem criança de colo, nem velho, nem aleijado
Sobreviveu ao cajado dos cornos dessa missão

Foi com um cavalo de pau
Que Tróia viu o seu fim
Cassandra torna a dizer:
“Esse cavalo de pau
É razão de todo mal
Ponham a lenha pra arder!”

Mais uma vez não ouviram
E o presente maldito
Aceitaram receber
Daí todo mundo sabe
o que foi que aconteceu
Tróia em chamas ardeu
E Cassandra que sabia
Tudo que sucederia
Depois de escrava morreu

Por um ciúme danado
Ou por um golpe de Estado
Foi isso que aconteceu.

É neste contexto que Cassandra é atualizada por esta investigação. Onde estão as mulheres de estado, as mulheres políticas, as mulheres que tomam para si a responsabilidade de alertar os outros sobre o que há de vir. A mulher que é permanentemente desacreditada, ridicularizada, tomada como delirante. As mais das vezes, costumam coagir as Cassandras, mal-dizê-las... Seus comportamentos, suas práticas. Cassandras são energéticas, articuladas, falam com paixão e com franqueza. Dizem e fazem o que deve ser dito a custo da própria vida. São mulheres fortes, resistentes, capazes de despertar o ódio invejoso dos homens, intimidados que são por tamanho poder e clareza. Por isso são caçadas. E na caçada, em geral, seus algozes costumam mirar na cabeça. Cassandra, assim como Luzia (fóssil mais antigo das Américas), Dorothy Stang, Marielle Franco, todas foram golpeadas na

cabeça. É atravessada por este modo de existir que tomo ar, como quem aspira coragem, e saio às ruas para me ver na ventania, mais do que isto, vou à rua cassandricamente ouvir o que o mundo teria a dizer sobre ações cassândricas hoje.

Termino, portanto, este artigo com uma lista de Cassandras, que de mim se tornaram mestras. Despeço-me com essas inestimáveis Cassandras que ainda vivem e proferem seus oráculos. Incluo aqui todas as estudantes negras e indígenas da UFSB, universidade em que leciono, e de todas as universidades públicas de meu país; também as estudantes secundaristas bravas lutadoras do Brasil; a todas as vadias da América e do mundo; Alessandra Korap Mdk; Amelinha Telles; Angela da Vila Valdete; Angela Davis; Chimamanda Ngozi Adichie; Criméia Almeida; Débora Diniz; Dilma Rousseff; Dodi Leal; Dona Dalva do Samba de Roda do Recôncavo; Dona Japira Pataxó; Elza Soares; Gleise Hoffmann; Graci Guarani; Grácia Navarro; Ivone Gebara; Jandira Feghali; Jean Wyllys; Leymah Gbowee; Luana Saturnino Tvardovskas Lúcia Fabrini; Luiza Erundina; Mãe Dora de Iansã (Dora Barreto); Malala Yousafzai; Manuela D'Ávila; Margaret McLaren; Margareth Rago; Margarida Sollero; Maria Aparecida Oliveira Lopes; Maria Lygia Quartim; Maria Ramos; Marilda Ionta; Marília Velarde; Mônica Benício; Natália Brescancini; Norma de Abreu Telles; Pâmella Villa Nova; Rosana Paulino; Salete Oliveira; Sônia Guajajara; Tânia Navarro Swain; Verônica Fabrini; Zenaide Machado. Estas são algumas das vivas e, apesar de pensarem que algumas de nós não sobreviveriam, ainda estamos aqui.

Presente!



Figura 1: A performadora Aline Nunes e Angela Ferreira de Oliveira - Angela da Vila Valdete. 20 de outubro de 2018 - Foto: Augustin de Tugny

Referências bibliográfica

FABIÃO, Eleonora. Programa performativo: o corpo-em-experiência. Ilinx - Revista do Lume - Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Teatrais - Unicamp, n.4, p. 1-11, dez. 2013.

FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade, 3: o cuidado de si. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

HAN, Byung-Chul. Sociedade do cansaço. Petrópolis: Vozes. 2018.

LORDE, Audre. The collected poems of Audre Lorde. New York: W. W. Norton, 2000.

PERROT, Michel. Minha história das mulheres. São Paulo: Contexto, 2007.

SAFATLE, Vladimir. O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

SHAKESPEARE, W. Hamlet. Tradução: Millôr Fernandes. Porto Alegre: L&PM, 1997.

VELARDI, Marília. Questionamentos e propostas sobre corpos de emergência: reflexões sobre investigação artística radicalmente qualitativa. Revista Moringa Artes do Espetáculo, João Pessoa, UFPB, v.9, n.1, jan/jun 2018, p. 43-54.